

# TECENDO O FIO DAS HORAS: O TEMPO EM MARIA JUDITE DE CARVALHO

---

Jane Pinheiro de Freitas \*

**RESUMO:** Ao observarmos as narrativas da escritora portuguesa Maria Judite de Carvalho vemos a clareza com que a autora retrata os malogros advindos da estreita condição a que estava sujeita a mulher, e dentro de tais quadros, o tempo é um elemento marcante, seja nos enredos em que as personagens, em sua maioria femininas, rememoram um tempo de “quase felicidade”, ou naqueles em que as horas vividas tornam-se ameaças de algo que está por se partir. As várias faces desse tempo e sua trajetória na vida das personagens será o tema de nosso ensaio.

**PALAVRAS-CHAVES:** ficção; feminino; tempo.

**ABSTRACT:** By observing the narratives of the portuguese writer Maria Judith de Carvalho it is possible to notice the clearness with which the author portrays the failures arising from the strict condition to which the woman was subject, and within these frameworks, the time is a important element, either in plots where the characters, mostly women, bring back memories of a time “almost happy”, or in those in which the hours become experienced threats of something to break. The many faces of that time and the life of the characters will be the subject of our trail.

**KEYWORDS:** Fiction; feminine; time.

Os estudos literários tem se preocupado cada vez mais em dar voz às minorias ditas à margem, o que explica o maior interesse da crítica por diferentes escrituras. Dentro dessa nova perspectiva, figuram os estudos sobre a escrita de autoria feminina, que muito tem ganhado fôlego na última década. O que permite voltar os olhos para escritoras de grande importância e para obras de alto valor literário, como é o caso de Maria Judite de Carvalho, escritora que muito contribuiu para a literatura portuguesa de sua época.

Nas histórias vividas pelas personagens de Maria Judite de Carvalho, há um jogo que se desenvolve entre passado e futuro, tornando-se o tempo o centro de um eixo de idas e vindas, construído com muita astúcia por um narrador irônico e sempre muito preciso na direção tomada. Este jogo narrativo pode ser comparado a um jogo de espelhos, pois temos o passado refletido no futuro e vice-versa. Assim o momento do vivido, ou da possibilidade de viver, será sempre um passado que é preciso invocar para

---

\* Doutoranda em Co-tutela pela Universidade de São Paulo (FFLCH) e pela Universidade Sorbonne Paris IV (CRIMIC), com apoio financeiro da CAPES. [janepinheiro@usp.br](mailto:janepinheiro@usp.br)

suportar o presente marcado pela falência.

O fio do tempo nas narrativas de Maria Judite de Carvalho une a presentificação do passado a uma negação do presente, resultando em e descrédito no futuro. Assim pensamos se formar um tecido temporal marcado por incursões das personagens em algo vivido e pela impossibilidade de resgatá-lo. A consequência será o estado de angústia das mesmas, seja por não poder mudar o passado, ou pela passividade e o cansaço que marcam suas vidas. Tal característica nos remete a um tempo circular, que muitas vezes é alargado pelo momento da rememoração:

Na experiência pessoal a memória é um "instrumento" complicado. A gravação dos acontecimentos é um processo complexo, misturando as coisas lembradas com aquelas que se esperam e se desejam. Não só "dados" podem ser "lembrados" como fatos, mas também os próprios fatos são modificados, reinterpretados à luz do presente, do futuro e do passado. (MAGALHÃES, 1987, p. 102)

As narrativas juditianas mostram com lucidez os vários sentidos com que a autora retrata os malogros advindos da estreita condição a que estava sujeita a mulher. E dentro de tais quadros, o tempo é um elemento marcante, seja nos enredos em que as personagens rememoram um tempo de "quase felicidade", ou naqueles em que as horas vividas tornam-se ameaças de algo que está por se partir. As várias consequências da passagem do tempo na vida das personagens femininas é tema relevante no universo da escritora portuguesa.

José Manoel Esteves explica que o estado de sofrimento das personagens juditianas está relacionado também com um momento histórico de grande tensão em Portugal, tornando mais distante a possibilidade do sonho e da esperança. Tal época terá uma literatura mais voltada para as angústias e desilusões das personagens:

A sua obra é atravessada pelas peripécias da história mundial e as suas consequências a nível nacional durante as décadas de 50 e 60. O regime fascista vigente em Portugal está na origem da decepção que destrói as esperanças políticas e sociais no período do pós-guerra. (ESTEVES, 1999, p. 35)

Além da grande importância do tempo na trajetória das personagens, há também na ficção juditiana certo envolvimento com o contexto social, o olhar atento sobre a sociedade reflete-se na sua obra como um sutil diálogo com a sociedade ao seu redor. Salvaguardando as diferenças entre o tempo do narrado e o tempo real, que como sabemos podem avançar de maneira diferente, como nos explica a teoria de Genette (2007). Sendo que o primeiro é mais independente da cronologia real e pode avançar

segundo o grau de importância de um instante vivido; já o segundo avança por acontecimentos que por vezes o limitam. A relação entre tempo real e fictício nos remete à maneira como se constrói a voz narrativa no universo da autora, contribuindo para unir os fios de um tecido muito bem estruturado.

Um caminho por algumas das narrativas de Maria Judite nos faz ver a princípio um dado que é consenso entre os estudiosos da autora: os enredos enfatizam a angústia da personagem central. Em grande parte das narrativas a protagonista é posta à prova por situações-limite de sofrimento, abandono ou dificuldade de relacionar-se com o meio social em que vive. São “elas” marcadas pela passividade que se traduz numa grande desistência de aventurar-se na relação com o outro, acomodam-se na intensa solidão e exílio da realidade ao redor.

São mulheres que sempre renunciam ao tempo presente, virando-se para um passado de onde geralmente vem seu infortúnio. Se solteiras serão marcadas pela falência, mas quando se casam são vítimas do abandono contra o qual também não lutam. Se não têm filhos tornam-se mulheres amarguradas, e se os têm sentem-se culpadas por os ter abandonado ou por não cuidarem deles como deviam, anulando qualquer refúgio ou esperança de felicidade.

“Carta aberta à família” (CARVALHO, 1968) é importante exemplo de um presente anulado e da vida que se volta totalmente para o passado. A cena inicial do conto mostra o encontro de mãe e filho, no último domingo do mês de outubro, retratando a situação vivida pela protagonista. Ela resolvera abandonar o marido, vindo de uma família tradicional, para viver uma suposta paixão, que de fato não fora tão forte assim. Os encontros mensais com o filho aumentavam ainda mais a distância e a falência dos laços entre os dois.

A protagonista não se reconhece na aparência bem cuidada do menino, e o vê como um estranho. Logo descobrimos que o distanciamento se dá também pela diferença de classes, ela havia casado com um homem bem mais rico, e após ter “renunciado” ao casamento, voltara a sua condição. Sem nunca ter conseguido ser de fato uma Cercal, família que constava nos livros de História que ela havia lido na escola.

A matéria do conto não traz aparentemente nenhuma novidade no tocante às narrativas juditianas. A temática de um casamento desfeito, que fora concebido sem amor, e o engano de uma paixão extra-conjugal, que acaba em desilusão. No entanto a maneira como se arquiteta a história e o jogo narrativo através do qual o narrador nos coloca no centro da intimidade da protagonista, são pontos que particularizam o conto.

Grande parte do enredo é apresentada ao leitor por carta, uma carta “aberta” da protagonista dirigida à família Cercal, ou basicamente ao ex-marido e ao filho, ou a si mesma. Os trechos da carta estão todos em

italico, havendo um revezamento entre o narrador que fala da consciência da protagonista e a própria que se revela em primeira pessoa, temos então uma alternância de voz narradora. É o início da carta que nos introduz no enredo:

*Foi no último domingo de Outubro – encontrávamo-nos sempre no último domingo do mês, de todos os meses (...) foi nesse domingo de céu cinzento e chuva miúda mas constante, que a idéia, que ainda o não era, me aflorou mais uma vez com a brevidade quase inexistente de um vislumbre.* (CARVALHO, 1995, p. 121)

A ênfase em tais conflitos serve para reforçar o que antes citamos, que a obra da autora mantém-se também em equilíbrio com as diversas características do momento por ela vivido, como nos explica Elza Wagner-Carrozza, as personagens da autora são “mulheres cujos dramas existenciais muito têm a ver com a situação da mulher na sociedade contemporânea, ou seja, com a mulher do século XX” (CAROZZA, 1995, p. 14). Sendo uma escrita que denuncia os problemas não só de uma época, mas também de uma minoria sem muitos direitos. Mas não é em vão reforçar que tais características são incorporadas à obra de maneira sutil, e que não podemos, e nem é nossa intenção, falar de uma escrita engajada, mas apenas ressaltar que mesmo fazendo uma literatura dita intimista Maria Judite não perde a sintonia com o contexto social e as transformações a sua volta.

O tecido temporal que envolve as personagens é parte de uma trajetória de descaminhos, renúncias ou infelicidades muitas vezes cultivadas pelo estado de passividade das mesmas. O tempo é tantas vezes o grande vilão, mas não deixa de ser a matéria prima da trajetória percorrida pelas personagens. O que de início se apresenta como um indício de vida tranqüila ou feliz, como uma viagem, um casamento ou uma carreira bem sucedida, destrói-se de um momento para outro, ficando em seu lugar um grande vazio.

Em “Tanta gente, Mariana”, uma foto feita em um raro instante de felicidade, torna-se o prenúncio de um grande sofrimento. Desencadeando a confissão dos malogros de Mariana que vão desde seu abandono pelo marido, até seu estado terminal de onde narra sua história. Da mesma forma uma viagem feita como aparente realização de um sonho acaba se tornando a ruína da protagonista, pois será o cenário onde ela perde o marido para uma outra mulher.

Assim vemos que o passado de desventuras é responsável pelo relato melancólico da mulher: “A minha vida é como um tronco a que foram secando todas as folhas e depois, um após outro, todos os ramos. Nem um ficou. E agora vai cair por falta de seiva” (CARVALHO, 1959, p. 19). No entanto não existe força ou razão para desviar-se da conseqüência de um passado de infortúnios. À Mariana resta apenas conformar-se com

suas amarguras, postura que desenhará o retrato das personagens juditianas.

O confronto com o passado e a pouca possibilidade de um futuro são aspectos que se estendem pelas narrativas de Maria Judite, ocasionando o choque que se somará aos conflitos pessoais vividos pelas personagens. Em “Seta despedida”, conto que dá título à última publicação em vida da autora, é possível vermos a intensidade da angústia da protagonista e sua luta para fugir de fatos do passado. Porém seu destino está atrelado a uma vida sem realizações, sem um lugar seu no mundo. No presente, de onde lança o reflexivo olhar sobre si mesma, há a tristeza do tempo passado, no qual deixou a condição de filha de um pai que a abandonou, para ser a esposa de um homem simples e sem grandes arroubos românticos. Como consequência resta uma fina amargura e a sensação de impotência diante da implacável força do tempo:

“Fui aquela, esta, esta ainda”, gosta de pensar. Entre uma e outra nunca houve uma transição lenta, suave e imperceptível como são as transições, mas uma espécie de dilúvio universal, e todos desapareceram debaixo das águas revoltas e das terras e das coisas que elas arrastavam consigo. (CARVALHO, 1995, p.12)<sup>1</sup>

Não só a narrativa acima, mas todas as histórias contidas em *Seta despedida*, têm uma relação intensa com o tempo passado, construindo na vida das personagens um imenso tecido de renúncia, passividade, amargura e solidão. Para observarmos mais de perto a arquitetura temporal no universo da autora, analisaremos a seguir “George”, narrativa na qual podemos ver como o tempo pode conduzir a vida da personagem.

## O TEMPO À DERIVA

Lembra-te de que o tempo é um jogador  
Que ganha todos os lances sem roubar.  
Charles Baudelaire

É com certo tom melancólico que George caminha ao chegar na pequena cidade da sua infância, a princípio está apenas reflexiva dando os primeiros passos rumo ao passado. Mas aos poucos a voz narrativa nos aproxima da personagem. Então descobrimos, entre outros detalhes, que George é nome artístico da pintora que vive em Amsterdã, uma mulher deslocada, que, depois de vinte anos retorna ao espaço de sua infância para vender a casa dos pais. George é alguém que “perdeu a bússola não sabe onde nem quando, perdeu tanta coisa sem ser a bússola. Perdeu ou largou?”

<sup>1</sup>. Ao citarmos os contos deste volume faremos referência entre parênteses à inicial do título e ao número da página, sendo todos da presente edição.

(G, p. 31). A carreira lhe fez conquistar um lugar no mundo, mas agora é obrigada a voltar para “eliminar” os rastros da menina que precisava transgredir as leis e romper com seu pequeno mundo sem perspectivas.

O encontro com a imagem da jovem que fora, e da qual resta apenas “uma fotografia que tem corrido mundo”, é o segundo momento de confronto com o passado. Os traços de um rosto cheio de sonhos e ilusões são descritos pelo narrador e associados a uma pintura de Amedeo Modigliani<sup>2</sup>. Esta menção do narrador nos aproxima mais uma vez do passado da protagonista, pois a pintura é também um recurso que usa o espaço para aprisionar o tempo.

George habituou-se ao exílio em uma vida transitória, partindo sempre para se livrar das ameaças do passado, ela é uma mulher em fuga de si mesma. Tal como a protagonista, o momento presente também nos parece arredio, até mesmo a cena inicial diante da qual somos colocados, é construída a partir de uma desconstrução. Resultando em um tempo fugaz que parece se apagar diante de nós.

A instabilidade de espaço e tempo vai se transformado em um resgate do vivido, que se configura através da força que o lugar visitado exerce na vida de George. A princípio o narrador nos dá pistas de fatos mal resolvidos e da distância que havia entre ela e os pais que, “tinham sido condenados pelas instâncias supremas á quase ignorância” (G, p. 33), o que contribuiu para as renúncias de seu passado que agora se entrelaçavam ao presente de George.

O primeiro momento de presentificação do vivido dá-se quando, como em um jogo de espelhos, temos o encontro de George com Gi, o passado de há vinte anos retornando através da menina que outrora vivera na calma cidade e que também planejava fugir: “Trazem ambas vestidos claros, amplos, e a aragem empurra-os ao de leve, um deles para o lado esquerdo de quem vai, o outro para o lado direito de quem vem, ambos na mesma direcção, naturalmente” (G, p. 32).

O paralelismo do encontro se confirma no seguimento da descrição, feita como se de um quadro em que a mudança de perspectiva nos faz ver duas imagens. A menina Gi, uma possível abreviação do nome da protagonista, é descrita pelo narrador alternando-se entre passado e presente: “tem, vai ter, uma voz muito real e viva, uma voz que a cal e as pás de terra, e a pedra e o tempo, e ainda a distância e a confusão da vida de George, não prejudicaram” (G, p. 32). A jovem que ali ficara, cultivando a esperança de um casamento feliz, é um passado que George não foi, e que se personifica ou se torna apenas uma voz calma e conformada: “- (...) Em

---

<sup>2</sup> Dentre as obras do artista italiano figuram várias pinturas de perfis femininos, sempre de pescoço alongado e rosto arredondado e de traços tristes. O quadro “Mulher de gravata preta” nos dá impressão de uma mulher vestida de homem, revelando uma imagem da transgressão feminina na primeira metade do século XX.

que se pode pensar aqui neste cu de Judas, senão em partir? Ainda não me fui embora por causa do Carlos, mas... o Carlos pertence a isto, nunca se irá embora. Só a ideia o apavora, não é?" (G, p. 37).

O caminho desde que chega à cidade George vai revelando teias formadas primeiramente entre passado e presente e que se desenrolam aos poucos indicando caminhos para uma possível saída do labirinto temporal. O primeiro deles se constrói no momento do diálogo de Gi com George no qual o narrador exerce muito bem o papel fictício proposto pela autora<sup>3</sup>.

É nas palavras da menina de dezoito anos vivendo ainda *nesse tempo*, das esperanças e dos sonhos, que vemos o desejo de liberdade abatido pelo medo da insegurança. O passado caracteriza-se como um tempo de desistência, o que não remete a atual George, mulher de 45 anos, uma pintora, com a carreira estruturada. Porém criando sempre desculpas para fugir de seu passado:

Uma casa mobilada, sempre pensou, é a certeza de uma porta aberta de par em par, de mãos livres, de rua nova a espera de seus pés. As pessoas ficam tão estupidamente presas a um móvel, a um tapete já gasto de tantos passos aos *bibelots* acumulados ao longo das vidas e cheios de recordações, de vozes, de olhares, de mãos, de gente, enfim. (G, p. 34)

O momento do diálogo entre a protagonista e seu passado será também um dos pontos importantes em que podemos dizer que a voz da autora denuncia a condição feminina ao mostrar a diferença entre o destino que estava previsto para George, se permanecesse na cidade dos pais, e a carreira de artista que ela tentava moldar entre fugas e viagens. Ao negar-se a cumprir tal papel, a protagonista transgride e exila-se para longe de tudo, numa quase necessidade de anular o passado, para se convencer da imagem que criara para si: "Disponível, pensava. Senhora de si. Para partir, para chegar. Mesmo para estar onde estava" (G, p. 35). A imagem do tempo da adolescência é de renúncia e acomodação, um ar de angústia pelo que poderia ser, mas que foi rompido pela pintora. Assim temos o primeiro fio que nos levará a seguir o tempo na narrativa.

A protagonista de anos antes, quando ainda era uma "rapariguinha frágil", possui um nome abreviado, denomina-se Gi, será então a marca dos dias vividos com simplicidade na cidade pequena. Da moça de tal época espera-se apenas que seja "uma mãe perfeita, tudo isso com muito jeito para o desenho". Porém a menina para quem se planejava casamento com um homem simples transgrediu, tornou-se a mulher sem paradas e de

<sup>3</sup> Sobre o narrador e seu papel fictício ver GENETTE, Gerard. *Discours du récit: essai de méthode*. Paris : Éditions du Seuil, 2007.

vida fugaz, é George, “pintora já com nome nos marchands das grandes cidades da Europa” (G, p. 36).

Torna-se a mulher solitária e desacreditada, mas ainda lutando para agregar a algum lugar sua existência de exilada. É em rápido sumário que o narrador traz para o momento da narrativa os quase vinte anos que fizeram de Gi George:

Já não sabe, não quer saber, quando saiu da vila e partiu à descoberta da cidade grande, onde, dizia-se lá em casa, as mulheres se perdem. Mais tarde partiu por além terra, por além mar. Fez loiros os cabelos, de todos os loiros, um dia ruivos por cansaço de si, mais tarde castanhos, loiros de novo, esverdeados, nunca escuros, quase pretos, como dantes eram. Teve muitos amores, grandes e não tanto, definitivos e passageiros, simples amores, casou-se, divorciou-se, partiu, chegou, voltou a partir e a chegar, quantas vezes? Agora está - estava - em Amsterdão. (G, p. 34)

Os indicadores de tempo se diferenciam para sinalizar a menor distância entre o passado e o presente, afirmações vão sintetizando os verbos e as mudanças de tempo vão nos aproximando de um passado revisto em rápidas imagens. Narrador e personagem se confundem totalmente (*onde, dizia-se lá em casa*) como se rapidamente a narrativa fizesse uma visita na primeira pessoa para logo voltar para a terceira. No jogo de espelhos feito pela voz narradora, ficamos sem saber se tal comentário se fazia na casa de George ou do narrador, ou se quem narra é uma das etapas da protagonista, que se fragmenta nos vários momentos de sua vida. A autora nos confronta com uma situação narrativa complexa de idas e vindas temporais e mudanças do narrador, técnica que pode se explicar na descrição de Genette ao conceituar o tecido narrativo como:

um conjunto complexo no qual a análise, ou simplesmente a descrição, só pode distinguir retalhando-o num tecido de relações estreitas entre o ato narrativo, os seus protagonistas, as suas determinações espaço-temporais, a sua relação com outras situações narrativas implicadas na mesma narrativa. (GENETTE, 2007, p. 222)

Podemos usar o termo “retalhamento” para analisar as diferentes instâncias do tempo em “George”, assim como a maneira como se apresentará nas várias imagens da vida da protagonista. A ameaça futura à vida de George será representada pelo mesmo fantasma que sempre está a amedrontar as mulheres juditianas: a velhice. É “ela” a vilã que representa na narrativa o tempo por vir, apresentando-se para a protagonista no momento em que já está no trem a despedir-se da antiga paisagem, as imagens se formam distorcidas diante dela, e em um intervalo dos olhos



surge o espectro:

À sua frente uma senhora de idade, primeiro esboçada, finalmente completa, olha-a atentamente (...) uma mulher velha. Tem as mãos enrugadas sobre uma carteira preta (...) O seu sorriso não tem nada a ver com o de Gi – por que havia de ter? – São como o dia e a noite. (G, p. 41).

A juventude e a velhice distanciam-se qual dia e noite, e no meio está a mulher de 45 anos tentando fugir do passado, e confrontando-se com o futuro. E este Ihe vem em tom de exortação, na voz cansada da mulher sem esperanças e passiva diante dos dias que ainda Ihe restam. O cansaço no olhar e as mãos enrugadas nos conduzem ao segundo fio temporal da narrativa: o futuro será de ausências, nada do que tenta apreender em seus dias de artista poderá acompanhá-la na velhice de solidão. A imagem diante de George é a confirmação da fugacidade de tudo no que tentava salvar-se: seus amores, a viagem que faria aos Estados Unidos e o dinheiro no banco, tudo sucumbirá à implacável passagem do tempo:

*Outro dia vai reparar, ou talvez já tenha dado por isso, que está a ver pior, e outro ainda que as mãos Ihe tremem. E, se for um pouco sensata, ou se souber olhar em volta, descobrirá que esse mundo já não Ihe pertence, é dos outro"* (G, p. 42).

Georgina tem o peso da repreensão nas palavras, como setas disparadas contra as tentativas de fuga que George ainda pratica. Uma espécie de exortação, numa voz que poderíamos dizer ser a própria autora, tão temerosa e desacreditada do futuro. Os diálogos tanto com a mocinha como com a velha senhora estão em itálico, ressaltando as vozes que surgem de um tempo além da narrativa, fantasmas personificando aquilo que poderia ser vivido e o que possivelmente virá. Passado e futuro são incertos, e a única certeza são a velhice e a morte.

Há uma ameaça de que tudo é superficial e de que seu mundo, tão cuidadosamente construído, vive prestes a desabar, seus dias se passam na instabilidade, não há certeza da verdade das amizades e nem solução nas casas mobiliadas de onde sempre sai com "malas de voar, e com rodinhas". George guarda consigo as suspeitas sobre a fragilidade de suas idas e vindas, de seus amores e do mundo que tentou construir. Por isso o choque ao vê-las confirmadas nas mãos enrugadas e nas palavras certeiras de Georgina, o futuro personificado na mulher de setenta anos.

A arquitetura do tempo reúne George primeiramente com Gi, seu passado representado pela fragilidade da jovem; depois com Georgina, o passado no retrato de "uma velha com os cabelos pintados de acaju". Dois quadros a estamparem com crueza as marcas da passagem do tempo, em

três diferentes etapas da vida da protagonista. Pensamos que talvez o tema principal do conto seja o passado, mas de fato os instantes narrativos apontam para as conseqüências de um tempo vivido ou não. As presentificações<sup>4</sup> dão conta de nos mostrar como em um mosaico, que não há meio de fugir do passado e que do futuro também não se escapará.

Observando o livro como um todo, "George" é uma narrativa de incertezas desde o título, com um nome masculino para retratar um feminino. Primeiro o pseudônimo artístico da protagonista, que nos remete ao seu estado de mulher fora do lugar, exilada. Um nome diferente, indefinido, e que nos leva a pensar em Georg Sand, Amantine-Aurore-Lucile Dupin, escritora que assinou suas obras com pseudônimo masculino, também por viver em uma época em que as mulheres não eram aceitas no mundo intelectual. Sand foi alguém que tentou fugir da estreita conduta imposta às mulheres, sentindo-se injustiçada pela sociedade ao seu redor.

A questão dos vários nomes da protagonista pode também ser relacionada ao tempo. Passado e futuro tem nomes, ou seriam pseudônimos? Gi e Georgina, que podem ser diminuição e aumento de George, o que também não podemos afirmar, tornando-se mais um nó a desatar na trajetória da protagonista. Cabe aqui, para sustentar a teia temporal em "George", o questionamento de Isabel Allegro de Magalhães sobre o tempo na escritura de mulheres: "Será que a ficção feminina está, mais do que a dos homens, virada para a memória, para a reconstituição do que foi e do que poderia ter sido ou ainda do que poderá vir a ser (...)?"<sup>5</sup> Se assim se apresenta a escritura de autoria feminina, Maria Judite de Carvalho arquitetou tal recurso magnificamente através da vida da pintora, tão anônima a nós quanto a si mesma.

## REFERÊNCIAS

### DE MARIA JUDITE DE CARVALHO

*Os armários vazios*. Lisboa: Portugália, 1966.

*O seu amor por Etel*. Lisboa: Movimento, 1967.

*Os idólatras*. Lisboa: Prelo, 1969.

*Flores ao telefone*. Ovar: Contemporânea, 1968.

*Tanta gente, Mariana*. 3. ed.: Lisboa: Prelo, 1971.

---

<sup>4</sup> A respeito da presentificação dos tempos ver AGOSTINHO, Santo. "O homem e o tempo", in *Confissões Livro XI*. Trad. José Oliveira Santos. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Coleção Pensadores.

<sup>5</sup> MAGALHÃES, Isabel Allegro de. Op. Cit. p. 9

## OUTROS

AGOSTINHO, Santo. "O homem e o tempo". Em *Confissões*, livro XI . Trad. José Oliveira Santos. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Coleção Pensadores.

CARROZZA, Elza Wagner. « Masculino/feminino – o eterno contraponto: uma leitura dos contos de Maria Judite de Carvalho e Lygia Fagundes Telles ». Em *Cadernos da condição feminina*. Actas II, nº 43. Lisboa, 1995.

DIDIER, Beatrice. *L'écriture-femme*. Paris : Presser Universitaires de France, 1999.

ESTEVES, José Manuel da Costa. "Seta despedida de Maria Judite de Carvalho: uma forma abreviada sobre a dificuldade de viver". Em *Le conte en langue portugaise: Études de cas*. Centre de Recherche sur les pays lusophones –CREPAL, cahier n. 6. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1999.

GENETTE, Gerard. *Discours du récit: essai de méthode*. Paris : Éditions du Seuil, 2007.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. *O tempo das mulheres*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

SAND, George. *Oeuvres autobiographiques vol. I*. Paris: Gallimard, 1970.

\_\_\_\_\_. *Consuelo*. Paris: Éditions Phébus, 1999.